
CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. 357 p.

Selma Baptista

Universidade Federal do Paraná – Brasil

Essa coletânea de artigos sobre carnaval, organizada por Maria Laura Cavalcanti e Renata Gonçalves, compõe-se de 13 artigos e um caderno de imagens.

Como dizem as organizadoras na apresentação, carnaval “é bom para brincar, é bom para fazer e é bom para pensar”, especialmente quando nos envolvemos com sua “surpreendente complexidade”. O que se adianta nessas primeiras páginas, ou seja, a ideia de um *plano carnavalesco de universalidade* inequívoca e, ao mesmo tempo, de uma *infinita variedade de realizações concretas*, vem articulado por questões relevantes para a teoria e a pesquisa antropológicas. Assim, numa visão caleidoscópica de ritmos perceptivos variados e inesperados, essa tensão entre mecanismos universais de simbolização e a infinita variedade de concretizações particulares coloca-se como o fio condutor dessa coletânea, enlaçado com a história, a literatura, a geografia humana, as belas artes e a mediação política no desenrolar das relações sociais de produção da festa carnavalesca.

Os textos revelam relações diversificadas e coerentes: há um mergulho verticalizado, aprofundado, em cada situação e recorte, ao mesmo tempo em que se desenrolam como se estivessem numa “passarela” festiva, aparentemente soltos, aparentemente livres. Buscando uma analogia em Lévi-Strauss, poderíamos dizer que essa coletânea pode ser lida como uma narrativa mítica em sua infundável diacronia, mas na qual seus artigos produzem variadas “versões”, recortes sincrônicos, sobre o mesmo tema, reproduzindo na sua feitura um longo ritual. *O carnaval em múltiplos planos*.

O artigo de Felipe Ferreira entretetece história, identidade, política e economia, trabalhando a folia e a modernidade no século XX na cidade de Nice. Mostra-nos a construção da festa internamente, regionalmente, e sua explosão a partir da organização e das políticas públicas de lazer e cultura naquele contexto.

Fred Góes nos leva ao *Mardis Gras* de Nova Orleans, detalhando etnograficamente as diferenças e contradições entre os grupos que muito remetem às nossas escolas de samba nos seus ciclos de celebração da vida “como gesto diário”. A festa imitando a vida, seguindo a complexa configuração social, em que os sucessos se alternam com os fracassos, a riqueza com a pobreza. Destaca-se, também, o grande envolvimento com a cidade, bem como a invenção de uma história, de uma identidade, de uma tradição.

O “maior carnaval do mundo!”, dos uruguaios, analisado por Liliane Guterres, nos mostra uma interessante competição entre palco e rua, entre concurso oficial e o desfile das *llamadas*, que se dividem em cinco categorias carnavalescas: as murgas, as humoristas, as parodistas, as revistas e as comparsas de negros e lubolos. Nessa análise a autora aprofunda não apenas seus padrões estéticos diferenciados, mas principalmente o campo de tensão entre a tradição e modernidade, enfim, a entrada no mundo do espetáculo, o aumento da visibilidade, e as relações complexas entre a feitura dos *shows* e o mercado de consumo cultural.

Helenise Monteiro Guimarães apresenta-nos a questão ornamental da cidade do Rio de Janeiro desde o período colonial até as décadas iniciais do século XX, discutindo não apenas o repertório estético e decorativo, mas, sobretudo, as atribuições de moradores e comerciantes das principais vias da cidade nessa tarefa de embelezá-la. Essa perspectiva histórica produz um distanciamento muito interessante porque vem atrelada a detalhes etnográficos que revelam muito mais do que uma simples viagem no tempo: dá-nos a perspectiva das negociações dos espaços carnavalescos, bem como da atuação dos decoradores da EBA da Universidade Federal do Rio de Janeiro, antes da revolução estética da Escola *Acadêmicos do Salgueiro*, levada a efeito por Fernando Pamplona nos anos 1960.

O artigo de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti situa-nos dentro de uma tensa e densa rede de produção carnavalesca, um contexto de crise e expansão, deflagrado pela acusação de suborno do júri no carnaval de 2008, uma situação que explicitou, ainda mais, as relações da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro com a rede clandestina do jogo do bicho na cidade. Sua análise trabalha esse processo todo como um verdadeiro “drama social”, analisado pela autora a partir de uma rica etnografia e fecundas aproximações teóricas.

Em seguida, Ricardo José de Oliveira Barbieri entra no universo dos barracões, mostrando-nos a dinâmica e as múltiplas estratégias da produção

carnavalesca, através de uma detalhada etnografia da confecção do carnaval de 2007. Seu texto nos revela como o mundo do samba consiste numa ampla rede de relações sociais e como as alegorias se constituem em formas de arte coletiva realizada pelo carnavalesco e sua equipe, seus especialistas e ajudantes.

Nesse universo tão denso, o sétimo artigo, de Nilton Silva dos Santos, expõe um aspecto muito interessante desse contexto tão pouco conhecido do grande público, que é a ação dos carnavalescos entre mundos socioculturais tão distanciados.

Segundo o autor, esse é um mundo estritamente regulado com papéis sociais definidos e com margens de manobra bem demarcadas: um mundo que funciona como território dessas disputas por postos e honrarias, demarcando espaços e códigos próprios.

Aline Valadão Vieira Gualda Pereira aborda a significativa transformação dos carnavais populares rumo a uma maior complexidade organizativa no mundo carnavalesco atual. De antiga tradição folclórica, os bate-bolas, enquanto carnavais de rua, com características peculiares de *performance* e indumentária, são hoje formações identitárias coletivas, catalisadoras de inúmeras influências oriundas da cultura de massa.

O artigo de Simone Toji nos devolve à passarela do samba, abordando justamente a posição dos passistas e sua especialidade simbólica, que é “mostrar o samba no pé”. Há, nesse sentido, uma consagração como “posição ritual”, que se intensifica e se especializa, crescentemente intensificada pela vivência de emoções contraditórias decorrentes das disputas e tensões dentro do campo carnavalesco.

Renata de Sá Gonçalves faz uma instigante análise do rito carnavalesco através da *performance* mediadora do casal mestre-sala e porta-bandeira, olhando bem de dentro e de perto os contrastes e interstícios que a dança do casal deixa entrever dentro do “ídioma” do desfile carnavalesco. Essa riqueza visual, esse *ethos*, essa *performance* como um todo são decorrentes da posição mediadora do casal e constituem, no dizer da autora, uma densa “coreografia” em que se misturam gestos, movimentos da dança, memórias, expectativas e projeções. Enfim, uma célula da tradição circula no interior desse complexo ritual, entre formas narrativas e dramáticas tornando-se canto e dança, permitindo sua continuidade e mudança.

Ronald Clay dos Santos Ericeira oferece-nos uma análise de alguns sambas-exaltação da Portela, explorando sua capacidade de despertar tantas

emoções em seus filiados e admiradores. Mas o autor vai além no seu viés antropológico, mostrando de que forma seus conteúdos temáticos, bem como seus contextos performativos, percebidos na oposição entre contexto do carnaval (desfile) e contexto da escola (quadras e terreiros), apontam para quatro eixos semânticos das letras: a idealização do passado, o enaltecimento dos símbolos da agremiação, a descrição das experiências corporais e dos estados afetivos despertados pela escola.

O artigo de Gabriela Cordeiro Buscácio analisa o processo de separação de um grupo de compositores da Portela, dentro de um contexto de intensa profissionalização do carnaval. Esse grupo, liderado por Candeia, fundou o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo. Em sua análise a autora mostra-nos como essa dissidência revela os aspectos contraditórios do embate entre “autênticos”, que seriam também os “tradicionalistas”, frente às intensas mudanças nos padrões estéticos e administrativos da “nova” Portela, ao longo dos anos 1970.

Finalmente, encerrando essa coletânea, o artigo de Nilton Rodrigues Júnior traz a essa “passarela” editorial a “velha guarda da Portela”, analisando as representações dos seus membros acerca de sua trajetória no mundo do samba, vivendo o paradoxo de estar situada exatamente no limiar entre o sucesso e a “guarda” do samba de raiz. À metáfora das raízes fortes e duradouras da mangueira sob a qual nasceu se junta a imagem do mundo do trabalho, em oposição à imagem do malandro, o que certamente procura reservar para a escola um lugar acima das disputas, ou, como diz o autor, a representação de uma escola que se relaciona com seu “passado de glória”, e que, no presente, existe num mundo destacado.

Leitura extremamente oportuna e estimulante, essa coletânea dialoga com as profundas transformações pelas quais passam contemporaneamente as culturas populares: como vivem, adaptam-se, transformam-se diante das contradições impostas pela sociedade de consumo e da crescente espetacularização das manifestações culturais.

O carnaval é um exemplo significativo na medida em que se constitui numa manifestação cultural de raízes profundas, coletivas e espalhadas por todo o país. Essa leitura será, certamente, muito estimulante para aqueles que se dedicam a refletir sobre essa festa em outros lugares, distantes, mas não imunes a todas essas mudanças na produção e consumo dos eventos culturais.